

# Rualização: vivências de pessoas em situação de rua

*“Streetification”: life experiences from homeless people*

**Lucas Schweitzer, Suzana da Rosa Tolfo**

## Resumo

A população em situação de rua possui uma multiplicidade de condições de subsistência e moradia e está dentre as mais marginalizadas da sociedade. Por meio da abordagem qualitativa, o presente artigo teve por objetivo compreender as vivências que levaram ao contexto da rua a partir das narrativas de nove pessoas em situação de rua da região da Grande Florianópolis. As questões familiares, o uso de substâncias psicoativas e o desemprego estrutural, relacionadas, foram as questões mais citadas pelos participantes. Além disso, diversas narrativas estiveram vinculadas a permanência na situação de rua como forma de garantir a liberdade. Salienta-se a importância de não se incorrer em explicações monocausais para a vida na rua, sendo necessário considerar, para além das questões individuais, o contexto de exclusão social e violação de direitos ao qual essa população é submetida diariamente.

## Palavras-chave

Pessoas em situação de rua, morador de rua, desemprego.

## Abstract

*The homeless population has a multitude of livelihood and housing conditions and is amongst the most marginalized in society. Through qualitative approach, this article aimed to understand the experiences that led to the context of life in the street from the accounts of nine homeless people in the Grande Florianópolis region. Family issues, the use of psychoactive substances and structural unemployment, were the most commonly mentioned issues by the participants. In addition, several narratives linked staying in the streets as a way of guaranteeing freedom. The importance of not incurring in single cause explanations for life in the streets should be pointed out, being necessary to consider, beyond individual issues, the context of social exclusion and violation of rights to which this population is subjected daily.*

## Keywords

*Homeless people, Homeless, unemployment.*

## Lucas Schweitzer

**Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC**

Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na área de concentração Psicologia das Organizações e do Trabalho. É especialista em Avaliação Psicológica da Faculdade Celer (2015) e graduado em Psicologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2015). Atualmente é vinculado ao Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS/UFSC).

[lucass.schweitzer@gmail.com](mailto:lucass.schweitzer@gmail.com)

## Suzana da Rosa Tolfo

**Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC**

Professora Titular do Departamento de Psicologia da UFSC. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestre em Administração (UFSC) e Doutora em Administração (UFRGS).

[srtolfo14@gmail.com](mailto:srtolfo14@gmail.com)

## Introdução

A presente pesquisa tem como objetivo compreender as vivências que levaram ao contexto da rua a partir das narrativas de pessoas em situação de rua. Trata-se de um grupo composto predominantemente por homens com baixos níveis de renda, que por circunstância temporária ou permanente, se alojam em ruas, espaços públicos das cidades e/ou albergues (BRASIL, 2008; AGUIAR; IRIART, 2012), ou seja, pressupõe-se a inexistência de moradia convencional regular (SILVA, 2009). Estão entre as mais marginalizadas da sociedade: vivem expostas a condições de vida muito precárias, incluindo dificuldade de acesso aos direitos básicos da cidadania como habitação, alimentação, trabalho, higiene e saúde. Trata-se de uma população que possui a heterogeneidade (SILVA, 2009) e a multideterminação (ARAÚJO, 2000) como principais características, com uma multiplicidade de condições de subsistência e moradia.

Profissionais que trabalham com esse contingente populacional percebem que as recentes transformações do mundo do trabalho têm estreita relação com o crescimento da população em situação de rua (SOUZA; SILVA; CARICARI, 2007; PEREIRA, 2008; MATTOS; HELOANI; FERREIRA, 2008). A existência de segmentos crescentes que se encontram privados do direito à propriedade da terra e do acesso ao trabalho e, portanto, aos direitos fundamentais, pode ser considerada uma dimensão estrutural do capitalismo. Este produz a presença de sujeitos com perspectivas cada vez mais reduzidas de integração ou reintegração no mercado formal de trabalho, que vão para a rua por impossibilidades individuais e/ou sociais de vender seu trabalho (PEREIRA, 2008; MATTOS; HELOANI; FERREIRA, 2008).

Dentre as pessoas em situação de rua, encontram-se diferenças significativas em função das trajetórias individuais, o que garante grande heterogeneidade e dificulta a formulação de conceitos unidimensionais a respeito dessa população. Isso ocorre por conta de algumas particularidades: tempo de permanência na situação de rua; período em que os vínculos familiares foram rompidos ou fragilizados; estratégias utilizadas para a sobrevivência e; vivências que conduziram e/ou mantêm a situação de rua (AGUIAR; IRIART, 2012; BARATA; CARNEIRO JÚNIOR; RIBEIRO, SILVEIRA, 2015). Na maioria dos casos apresentam-se histórias de vida desvinculadas no campo material e afetivo. Tratam-se de pessoas costumeiramente marginalizadas, discriminadas e negadas no sentido simbólico, em um estado permanente de desvinculação e exclusão (ESCOREL, 2000), o que torna explicações monocausais pouco eficientes para compreender o que leva uma pessoa a ficar e/ou permanecer em situação de rua.

As pessoas em situação de rua convivem com uma interdição permanente ao direito de participar do jogo de relações sociais, além de outras precariedades em suas condições de vida e trabalho. Essa não participação social se relaciona com a ausência de relações econômicas, sendo importante lembrar que, ainda que estes sujeitos sejam considerados excluídos e estejam em situação de vulnerabilidade, permanecem dentro das fronteiras do convívio social, participando e criando estratégias de sobreviver, de “se virar” (BARROS; PINTO, 2006). Por serem excluídos social e economicamente, são incapazes de viver como as pessoas consideradas adaptadas às normas vigentes e passam a ser vistos como desadaptados na sociedade (BARROS, 2015). Assim, não encontram respostas às suas necessidades vitais de valorização e de identificação a um grupo e perdem a noção de dignidade própria e de compreensão das regras que sustentam o social (HELOANI, 2015).

Uma pesquisa realizada pelo Instituto CSA e citada por Paugam (2014), com amostra representativa de pessoas em situação de rua da França,

questionou: “o que faltou na sua vida?”. As principais respostas foram os problemas de relacionamento na família (55%) e os problemas de emprego (46%). A ruptura dos vínculos sociais, questão frequentemente enfrentada por essa população, seria resultado de um processo: a vida dessas pessoas, após meses ou anos de privações, parece uma fuga sem esperança, em que muitos não têm mais nada a perder. Após terem interiorizado sua condição marginal, passam a procurar, antes de qualquer coisa, satisfazer suas necessidades básicas e imediatas (ROSA, 2005; BURSZTYN, 2000; PAUGAM, 2014).

Em uma pesquisa sobre a centralidade do trabalho na vida das pessoas em situação de rua, Silva (2009) realizou uma busca bibliográfica em diferentes estados brasileiros, em cidades como Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre. Na primeira, o desemprego foi referido como principal motivo para a situação de rua e o emprego foi visualizado, na maior parte dos casos, como a principal saída de sua atual condição. A autora destaca que grande parte da população em situação de rua perdeu o emprego ou deixou a ocupação antes exercida, fazendo com que sofresse o aviltamento de suas condições de vida e trabalho.

Outra pesquisa relevante é a de Henrique, Santos, Vianna (2013) que, em seu estudo empírico sobre os sentidos e significados do trabalho para pessoas em situação de rua da cidade de Porto Velho, Rondônia, identificaram variados motivos que levaram esses sujeitos à exclusão do mercado de trabalho, tais como a escassez de oportunidades de trabalho para determinada atividade, idade avançada, aposentadoria precoce, problemas de saúde física ou mental, baixa qualificação, entre outros (HENRIQUE; SANTOS; VIANNA, 2013).

Todo o exposto sobre a população de rua remete aos contextos de marginalização, desvinculação familiar e social e exclusão ou inserção precária no mercado de trabalho. Nesse sentido, há elementos da chamada *rualização* que, segundo Snow e Anderson (1998), é resultado de um conjunto de condicionantes econômicos, sociais, psicológicos e culturais que excluem as pessoas do convívio social ou impedem sua inserção e estabelecimento (SNOW; ANDERSON, 1998; BULLA; MENDES; PRATES, 2004). Qualquer análise, portanto, deve compreender uma vida e um cotidiano marcado por vulnerabilidade, exclusão social e violação de direitos, elementos relacionados aos sentidos do trabalho. A presente pesquisa visa contribuir com o avanço no conhecimento referente às vivências que levam pessoas a viverem nas ruas com base em narrativas de pessoas em situação de rua da região da Grande Florianópolis.

## Método

A presente pesquisa é definida como exploratória e qualitativa, tendo a finalidade de compreender o objeto de estudo em sua complexidade e em um contexto específico de produção de sentidos, em pertinência com os estudos da abordagem construcionista social (SPINK; MENEGON, 2004). Trata-se de um estudo multicase, com o aprofundamento em alguns objetos (GIL, 2002). Procedeu-se o estudo dos casos de nove pessoas informais em situação de rua vinculados a um Centro de Referência Especializado para População em situação de rua (Centro Pop) da região da Grande Florianópolis.

Os contatos para efetivar a operacionalização da pesquisa ocorreram com a Coordenadora de Proteção Social de Média Complexidade da Assistência Social do município estudado, para quem foi apresentado o projeto e se obteve a autorização para realizar a pesquisa. O projeto cumpriu os preceitos éticos indicados por Spink e Menegon (2004), que afirmam que a pesquisa ética é ancorada no respeito às diretrizes oficiais, tais como a Resolução CNS/MS 466/2012. Após a aprovação do Comitê de

Ética em Pesquisa com Seres Humanos, houve um período de aproximações com o campo de três semanas antes do início das entrevistas para vinculação com as pessoas atendidas no Centro Pop.

O principal meio para levantar as informações foi a entrevista semiestruturada. A entrevista pode ser compreendida “como um processo dialógico em que ocorre negociação de pontos de vista e de versões sobre os assuntos e acontecimentos, e que vai posicionando ambos/as os/as participantes durante a sua interanimação” (ARAGAKI *et al.*, 2014, p. 60). A entrevista semiestruturada é caracterizada pelo/a pesquisador/a construir, a priori, um roteiro para nortear o processo de interação. Ainda assim, ele/a tem liberdade para perguntar, propiciando momentos de construção, negociação e transformação de sentidos. Partiu-se de algumas questões norteadoras, porém, outras foram agregadas conforme o fluxo discursivo e o jogo de posicionamentos produzidos (ARAGAKI *et al.*, 2014).

O procedimento de realização das entrevistas implicava no pesquisador abordar o usuário no Centro Pop, explicar o tema, a finalidade e os preceitos éticos da pesquisa. A entrevista era realizada no mesmo dia, sem marcação de horários. As entrevistas foram realizadas na sede ou em espaços próximos ao Centro Pop, local escolhido por se constituir em uma política pública específica para a população de rua. A escolha dos participantes ocorreu de forma deliberada (tabela 1) e os critérios estabelecidos para a escolha foram: utilizar do Centro Pop no cotidiano e ter acima de 18 anos de idade.

Tabela 1: Caracterização dos/a participantes (nomes fictícios)

Nome	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Tempo na rua
Antônio	30	Até 4ª série	Solteiro	6 meses
Fred	24	Até 6ª série	Solteiro	10 anos
Guilherme	37	Fundamental	Solteiro	5 anos
Marcos	32	Médio	Solteiro	10 anos
Matheus	21	Até 5ª série	Solteiro	3 meses
Nilton	49	Médio	Solteiro	20 dias
Roni	33	Fundamental	Solteiro	10 anos
Tereza	44	Até 7ª série	Separada	10 anos
Valter	24	Até 7ª série	Solteiro	6 anos

Fonte: Elaboração do autor (2020).

Para a análise dos dados foi realizada uma imersão no conjunto de informações por meio de diversas leituras do material transcrito, de modo que surgissem categorias de análise. As categorias foram construídas com base no confronto entre os sentidos construídos ao longo do processo de pesquisa, de análise e da familiarização com o campo de estudo e com teorias de fundamentação teórica (SPINK; LIMA, 2004).

## Análise

O processo que faz com que uma pessoa passe a viver na rua faz parte de uma dinâmica com raízes estruturais que se referem aos arranjos e tendências sociais que afetam a probabilidade de que eventos específicos na trajetória de vida de uma pessoa sejam vivenciados (SNOW; ANDERSON, 1998; BULLA; MENDES; PRATES, 2004). Para efeitos de compreensão, é importante mencionar alguns dos motivos mais citados pelos entrevistados, que também são referenciados pelos principais autores sobre o assunto e pela Pesquisa Nacional conduzida pelo Ministério do Desenvolvimento Social (2008). As principais razões para uma pessoa utilizar a rua como

espaço de vida e convivência, segundo esta pesquisa, seriam os problemas familiares, o alcoolismo/uso de drogas e o desemprego (BRASIL, 2008). Via de regra, os motivos são múltiplos e associados, não sendo possível afirmar que um único fator responsável pela vida na rua. É importante compreender o peso de cada um dos motivos citados para cada situação e realidade social, mediante a compreensão da história individual de cada pessoa em situação de rua (ARAÚJO, 2000).

Ainda que não se reduza explicações para o fenômeno “situação de rua” à nenhum fator em específico, tendo em vista que um todo contextualizado faz com que essas situações ocorram, é importante compreender como diversos fatores aparecem nas narrativas dos entrevistados. Por esse motivo, discute-se a seguir alguns relatos relacionados às questões familiares, uso de substâncias psicoativas e ao desemprego, pois são os três fatores mais frequentemente citados pelos entrevistados e, também, na literatura específica, como motivos para a vida na rua (ARAÚJO, 2000; BRASIL, 2008; SILVA, 2009). Além disso, também serão descritas narrativas vinculadas à permanência na situação de rua como forma de garantir a liberdade, tendo em vista que foi um aspecto levantado por um conjunto de participantes como uma das razões para se permanecer em situação de rua.

### Vivências de pessoas em situação de rua

As questões familiares são presentes na fala de praticamente todos os entrevistados enquanto razões para a vida na rua, com ênfase aos conflitos e a ruptura de vínculos familiares. Como exemplos de casos em que conflitos familiares são centrais para o início da vida na rua, cita-se Tereza, que na primeira vez que ficou em situação de rua, descobriu que seu pai traía sua mãe e, por não aceitar essa situação, foi expulsa de casa. Ela relata: “Foi com 19 anos porque eu descobri os casos dele, daí ele batia na minha mãe, eu não aceitava. Meu irmão não falava nada, mas eu não aceitava. **Nessa época, você foi pra onde?**<sup>1</sup> Fui pra rua, dormi na praia”. Já Roni se restringe a dizer que sua situação de rua ocorreu após a separação de sua esposa e de brigas na família. Assevera: “Isso aí é através que eu separei da minha esposa, tata tal e coisa e tal. E daí também briguei com a família. Uma coisa que nem hoje em dia eu tô na rua, né? Família né”.

As narrativas dos participantes corroboram com os acessados por Escorel (1999) em uma pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, em que ele compreendeu como fator determinante para a situação de rua a desvinculação sociofamiliar, seja por fragilização ou rompimento dos vínculos familiares, o que contribui para o início ou permanência das pessoa sem situação de rua.

A seguir, cita-se a fala de Antônio, que chama a atenção ao ampliar tais explicações para um conjunto de outros elementos. Além de desvinculações sociais, também cita outras vivências, tais como violências, violação de direitos e estereótipos de gênero:

Teve falta da minha mãe, teve falta do meu pai, e os abusos do meu pai, né cara, na minha infância era demais, eu não conseguia mais ver aquilo ali, eu não conseguia mais conviver O cara que tentou me estrupar, meu irmão. Me ensinou a roubar, querias o que? Mano, eu tinha 7 pra 8 anos, era uma criança, meu irmão, era uma criança completamente inocente, de ele chegar no bar, olhar aquela estufa de salgadinho, cobiçando, que nem um cachorro pidão, pedindo aquele coxinha que estava na estufa. Aí ele chegava no balcão e falava “traz uma cachaça pra mim, não, traz duas”, ela chegava e botava a cachaça em mim do balcão assim: agora tu vai beber pra aprender a ser homem, ta ligado? É essa pessoa desse gênero que eu to desenhando pra ti, mano (ANTÔNIO).

### 1

Trechos em negrito nas narrativas são questionamentos do autor ao participante diante do fluxo dialógico.

Na narrativa de Antônio, é importante observar que, mesmo que ele atribua sua vida na rua à traição de sua esposa e à um contexto familiar de violências e de perdas de familiares, percebe-se que sua história é marcada pela violação de direitos e por contextos familiares pouco acolhedores. Durante sua vida, encontrou múltiplas e cumulativas desvinculações em diversos âmbitos da vida, com poucas expectativas de saídas para sobreviver em outros espaços que não o da própria rua (OURIQUES, 2008; ESCOREL, 2000).

Além das questões de ordem familiar, as substâncias psicoativas e o álcool são citados por diversos entrevistados como razões para a vida na rua, conforme apresentado na fala de Valter: “O motivo foi que eu comecei a entrar nas drogas, né? Da onde eu moro, uma cidade pequena, pro pessoal não ficar falando mal, pra não dar vergonha pro meu pai, peguei e sai”. Essas questões também podem ser observado nas narrativas citadas a seguir:

A minha vida deu essa zebra aí por causa de duas drogas. Não fumo crack, não cheiro cocaína, nem nada. A única droga que me distrai é mulheres e bebida. Eu sempre fico no zero no caso de mulheres e bebida, eu sou viciado em prostituição, não é prostituição, essas casas de massagem, mulheres muito bonitas, coisa e tal, então, eu como sempre tive muito dinheiro, foi isso que me quebrou. Não é crack, não uso crack, não uso cocaína, não uso nada e não sou, eu sou um alcoólatra assim, eu bebo quando ta com muito problema na cabeça, porque eu era assim, eu era assim, eu tinha dinheiro, eu tinha meu carro, eu tinha minha moto, tudo (NILTON).

Drogas, mais foi a droga mesmo, se não fosse a droga na minha vida, hoje eu não tava aqui, eu não tinha conhecido tu, eu não tinha conhecido ninguém aqui, não tinha conhecido a minha namorada, eu tava lá bem, tava trabalhando e já podia estar com meu carro, com minha casa, casado, né, só que minha história de vida foi completamente diferente da do meus irmãos. A minha história da rua já começa em casa. Eu, por causa da droga, dentro de casa, quando eu tava em casa, eu aprontava demais em casa. A minha mãe estava ficando muito velha, eu tava ficando meio doido já dentro de casa, eu tava mexendo nas coisas dentro de casa, ali começou tudo (FRED).

A drogadição. Comecei a me drogar demais, daí a minha família já estava ficando meio triste, né? Aí já que eu estava prejudicando a mim mesmo, eu decidi eu mesmo sair pra rua pra não afetar eles, né? Entendeu? Prejudicar eles também. De certo modo, eles se prejudicam também em preocupação, né? Será que eu to vivo, será que eu to comendo, será que to passando frio, entendeu? Eu sei que a família da gente, ela pensa, né? (MARCOS).

Nos relatos de Valter, Nilton, Fred e Marcos, a exemplo de outros obtidos ao longo do levantamento de informações, a situação de rua demonstra-se relacionada ao uso abusivo de álcool e/ou outras drogas. Nas entrevistas, estes elementos são citados como principais motivos para a vida na rua, com especial ênfase ao uso do crack, o que coaduna com Rosa (2005), que identificou a presença do crack como elemento recorrente em suas pesquisas junto a pessoas em situação de rua (ROSA, 2005).

É importante mencionar que o uso de substâncias é citado em diferentes momentos da história de vida dos entrevistados como um fator associado aos problemas e conflitos familiares, em um processo que os conduziu para a vida na rua. Essa questão também foi discutida na pesquisa de Silva (2009) que, ao falar sobre os fatores que acabam por fragilizar ou romper os vínculos familiares, considera que as desavenças afetivas e a intolerância a situações de uso, abuso e dependência do uso de álcool e outras drogas, junto a ausência de trabalho e renda regulares (SILVA, 2009) são questões recorrentes na vida das pessoas em situação de rua.

Esses elementos estiveram presentes nas narrativas dos sujeitos acessados nesta pesquisa, cujas histórias de vida na rua são antecedidas por exclusão, vulnerabilidade social e violação de direitos, bem como pela exposição ao uso de substâncias. Essas afirmações também podem ser exemplificadas pelo relato de Matheus, cujos problemas conjugais são parte de um processo permeado pelo uso de substâncias, perda de emprego e pela pobreza:

Eu estou em uma situação meio difícil é que eu me separei da esposa, daí agora eu estou em situação de rua. [...] primeira vez é que eu vim pra cá, assim, pra alugar uma quitinete, daí eu aluguei, trabalhei numa firma, daí eu caí. Cai assim, nas drogas. Daí comecei a usar crack e não tive motivo pra. Daí você acabou saindo da firma? Acabei saindo da firma por causa da droga, né? Acabei saindo da firma, perdi o emprego, daí a casa que eu morava, daí cai na rua. E nessa última vez agora? Por causa da droga também. Daí acabou meu casamento (MATHEUS).

Nesta fala de Matheus, pode-se observar que a perda do trabalho é percebida como uma das principais propulsoras da vida na rua. Já nas histórias dos demais participantes, pode-se observar que a fragilização dos vínculos com o trabalho é um dos elementos pertinentes ao processo de realização e que agrava a situação de vulnerabilidade e exclusão social. É importante salientar que, conforme ocorre o rompimento de vínculos familiares e o uso de substâncias, o trabalho também perde em formalização e a instabilidade, conforme pode ser observado na pesquisa de Schweitzer (2017) no que se refere às trajetórias laborais de pessoas em situação de rua.

Salienta-se que, a partir de ser referido amplamente na literatura científica como propulsor da situação de rua, o desemprego nem sempre foi citado pelos entrevistados como uma razão principal para a situação de rua. No entanto, a perda de emprego ou a inserção precária no mercado de trabalho frequentemente aparecem como consequência do uso de drogas ou mesmo da ruptura dos vínculos familiares, encaminhando-se à situação de rua. Sobre isso, Silva (2009) destaca que a inexistência de trabalho regular e o consumo de álcool e outras drogas são recorrentes como motivos para a situação de rua, por vezes associados à própria noção de pobreza extrema.

Como pode ser percebido, atribuir um motivo único para que ocorra o processo de realização seria um equívoco. Viver na rua perpassa por histórias de vida singulares e por questões de ordem estrutural que se inter-relacionam, em especial ao se considerar que a realização é “o resultado da influência de várias ocorrências que se apresentam de forma processual e interdependente” (SARMENTO, 2015, p. 175). Nesse sentido, o principal consenso diz respeito às múltiplas determinações para a situação de rua, com fatores biográficos e estruturais. Os fatores biográficos remetem à história de cada sujeito, o que inclui a ruptura de vínculos familiares, doenças mentais, consumo de álcool de drogas e outros infortúnios, tais como mortes, roubos e fugas. Já os fatores de ordem estrutural dizem respeito à ausência de moradia, inexistência de trabalho e renda, mudanças econômicas e institucionais de forte impacto social que se vinculam a própria estrutura da sociedade capitalista (SILVA, 2009). Ainda que alguns fatores sejam amplamente enfatizados (em especial aqueles de ordem biográfica), o fato é que a principal questão a ser discutida é que, em nenhuma história se aplica uma única determinação e, por isso, é tão importante entender a situação de rua como um processo.

## Narrativas sobre a permanência na situação de rua como forma de garantir a liberdade

Ainda nesse artigo seja dedicado as vivências que levaram à vida na rua, há que se mencionar uma liberdade que estaria presente na rua e é

relatada por um conjunto de participantes como uma das razões para se permanecer em situação de rua. Guilherme relata que “Um lado bom: a liberdade. Só por causa disso. Tu não devendo a justiça, tem esse lado bom, somente a liberdade. Entendes? Ter sua liberdade”. Na mesma direção, Valter traz os seguintes questionamentos: “Tem que você fica livre né? Fica livre, não tem conta pra pagar, não tem, tipo assim, não se preocupa com nada, né? Não se preocupa com nada. Tudo o que você quiser, é só pedir, ta na mão”.

A respeito dessa liberdade relacionada às ruas, Andrade, Costa e Marquetti (2014) problematizam que, ao mesmo tempo o sujeito pode ser livre, é condenado por essa liberdade, perdendo espaços e direitos até então assegurados. No contexto de rua, entende-se que a liberdade se constitui em um acordo coletivo que se estabelece na convivência, ou seja, há regras, porém estas não são as mesmas que sustentam a vida dos domiciliados (ANDRADE; COSTA; MARQUETTI, 2014; ROSA, 2005).

A respeito dessas “regras” de vida na rua, conforme Ghirardi et al. (2005), há códigos de convivência estabelecidos entre as pessoas que convivem nas ruas, com regras que podem mudar de um lugar para o outro. Dessa forma, não se pode dormir em lugar que já é de outro e/ou invadir o território de renda de outras pessoas, além de se ter, por exemplo, que compartilhar bebida, comida, cigarro e fogo, entre outros (ROSA, 2005). Diversas dessas questões estão presentes ao longo das entrevistas, como exemplifica a fala de Antônio ao descrever uma noite em que chegou a uma cidade em uma noite fria e sem cobertores:

E deitei em cima da camisa, eu achava que ia morrer naquela noite, com os braços assim todo roxo do frio, só que assim mano, só que a lei da rua é a seguinte, se tu chegar, tiver tu no teu colchão mano, é proibido acordar, não pode, essa é a lei da rua, independentemente se tu usa, se tu não usa, se eu ver tu dormindo e não tiver um colchão pra mim, cobertor nem nada, é proibido te acordar (ANTÔNIO).

Por um lado, é fato que as pessoas vão para as ruas por diversos fatores biográficos e estruturais que se relacionam à uma situação de marginalidade, como já mencionado. Ao mesmo tempo, a vida na rua de fato diminui possíveis cobranças presentes nos domicílios tradicionais e há uma liberdade, ainda que relativa (ANDRADE; COSTA; MARQUETTI, 2014). Dessa forma, são apresentadas falas relacionadas ao fato dos participantes não conseguirem mais se adaptar a tais cobranças que fazem parte da vida em uma casa com familiares. O discurso mais recorrente é de que “a rua vicia”, como pode ser observado nas narrativas abaixo:

Quando eu vim pra casa, minha mãe veio atrás de mim, tentou me pegar de volta, eu não queria mais voltar, porque eu já tinha me acostumado aqui, entendeu? Aquela vida pra mim lá, já foi, entendeu? Daí eu cheguei aqui na rua, de tanto que eu aprendi, eu aprendi muito rápido, quando eu vi eu tava já. Me viciéi na rua, porque a rua vicia. Ela vicia por que? Porque sei lá, chego um tempo que tu não quer mais sair daqui, tu quer mais sair, é que as coisas são muito fáceis, entendeu? Quem é que quer trabalhar um mês inteiro pra receber um salário só no final do mês, ter que trabalhar o mês inteiro pra receber, se eu posso ali, em dois dias, ganhar o salário que tu pode ganhar em um mês trabalhando (FRED).

A gente ta na rua, se eu quiser eu posso ficar em casa de volta, mas a gente costuma falar bem assim: “depois que a gente mora na rua, a gente sai da rua, mas a rua nunca sai de nós”, e é verdade isso. Eu não consigo ficar um mês com minha família, dentro de casa, com meus irmão, com meu pai, que

minha mãe é falecida, né? Eu consigo ficar um mês seguro, depois eu já saio pra rua de volta (MARCOS).

Não consigo mais ficar em casa. Ficava algumas semanas, duas semanas e depois se mandava pra rua. Por que isso? Acho que é o consumo da droga, né? Também a vantagem, tipo assim, a pessoa fica mais solta. Pessoal, mãe e o pai não fica falando “não pode fazer isso, não poder fazer aquilo”, a pessoa também se acomoda né, com o tempo na rua se acomoda e não consegue mais ficar em casa. Prefiro sair (VALTER).

Cabe destacar que, ainda que se relate uma liberdade conseguida por meio da vida na rua, é possível questionar se esta ocorreu por uma efetiva escolha. Salvo exceções, a população nessa situação não está nesta condição por desejo próprio (SARMENTO, 2015). Essa vida se inicia quando as possibilidades de conseguir uma moradia se veem esgotadas (SIMÕES, 1992).

Em síntese, há uma liberdade relatada com frequência e que é legítima nos discursos, porém, ela tem suas limitações comuns à própria rua, que possui suas regras específicas. Não se trata de “fazer o que quiser a hora que desejar”, mas de levar a vida de maneira alternativa à dos domiciliados. Ainda que possa ocorrer “uma escolha” pela liberdade, em geral ela ocorreu diante de poucas opções em um contexto de marginalidade, permeado pela violação de direitos, vulnerabilidade e exclusão social.

## Considerações finais

Considera-se que o objetivo de compreender as vivências que levaram à situação de rua foi atingido e foi possível apreender um conjunto de sentidos das narrativas dos participantes. Foi identificado que a lógica do senso comum de que as pessoas escolhem viver na rua não encontra confirmação na história de vida dos participantes. Nenhum deles relatou uma motivação inicial pelo estilo de vida nas ruas ou desejo em utilizá-la como espaço de vida e moradia, tendo sido conduzido esta situação diante de um conjunto de interdições.

Ainda que seja afirmada uma liberdade, o que seria um aspecto positivo da rua, esta seria unicamente um dos motivos relacionados à atual permanência neste contexto, pois alguns participantes afirmam não mais conseguir se submeter às regras presentes na vida familiar domiciliada. Nenhum relato indica uma efetiva escolha. Pelo contrário, apresentam-se histórias com poucas opções existentes, em que a rua se apresentou como a única “decisão” viável em um determinado momento de suas vidas.

Os entrevistados relataram diversos elementos relacionados ao início da vida na rua, relacionados aos rompimentos de vínculos familiares, separação conjugal, utilização de drogas, desemprego e perdas econômicas. O mais importante foi perceber que estes “motivos” nunca se apresentavam isoladamente, não se demonstrando causalidade entre qualquer um destes fatores. Pelo contrário, o que se constatou foram múltiplos determinantes contingencialmente envolvidos em suas vidas e que os levaram à utilizar da rua como espaço de vida e moradia, em um efetivo processo de rualização. Além disso, reitera-se a importância de se analisar estas informações, de modo a não se incorrer em explicações monocausais para a vida na vida. É necessário levar em consideração o contexto de marginalidade, exclusão social e violação de direitos que permeia a vida e a história destes sujeitos.

Toda a discussão trazida é intimamente relacionada às degradações dos vínculos familiares, ao uso de álcool e outras drogas e às transformações e precarizações no mundo do trabalho, comuns nas histórias de praticamente todos os entrevistados. Isso remete à um contexto de marginalização,

caracterizado por Castel (1997) como um processo marcado pela “conjunção da precarização do trabalho e a fragilidade dos suportes relacionais” (p. 19), ou seja, a um duplo processo de desligamento em relação ao trabalho e a inserção relacional em que a miséria econômica se apresenta na maior parte das situações. Com esses elementos fragilizados e em geral associados, a vulnerabilidade se faz constante na vida desses sujeitos, sendo necessário compreender a singularidade de cada caso para entender a forma como tais elementos conduziram à atual condição de vida.

Tendo em vista que a presente pesquisa teve caráter exploratório, sugere-se a realização de novas pesquisas, com outros delineamentos e abordagens, de modo a aprofundar as questões discutidas ao longo deste artigo, inclusive em outras regiões do país. Cada uma das vivências levantadas, tais como as questões familiares, a liberdade ou o desemprego, por exemplo, são potenciais temas de pesquisas e carecem de novas pesquisas, de modo que tais informações sejam úteis para a sociedade, no planejamento de políticas públicas e para comunidade científica em geral.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 10/07/2021

**Aceito:** 23/08/2021

## Referências bibliográficas

AGUIAR, M. M.; IRIART, J. A. B. Significados e práticas de saúde e doença entre a população em situação de rua em Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 115-124, 2012.

ANDRADE, L. P.; COSTA, S. L.; MARQUETTI, F. C. A rua tem um ímã, acho que é a liberdade: potência, sofrimento e estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 1248-1261, 2014.

ARAGAKI, S. S.; LIMA, M. L. C.; PEREIRA, C. C. Q.; NASCIMENTO, V. L. V. Entrevistas: negociando sentidos e coproduzindo versões de realidade. In: SPINK, M. J. P.; BRIGAGÃO, J. I. M.; NASCIMENTO, V. L. V.; CORDEIRO, M. P. (Org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p. 57-72.

ARAÚJO, C. H. Migrações e vida nas ruas. In: BURSZTYN, M. **No meio da rua – nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 88-120.

BARATA, R. B., CARNEIRO JUNIOR, N., RIBEIRO, M. C. S. A., SILVEIRA, C. Desigualdade social em saúde na população em situação de rua na cidade de São Paulo. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 219-232, 2015.

BARROS, V. A. Exclusão Social e Integração pelo Trabalho. In: BENDASSOLLI, P. F.; Borges-Andrade, J. E. **Dicionário de Psicologia do Trabalho e das Organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015, p. 341-348.

BARROS, V. A.; PINTO, J. B. M. Trabalho e Criminalidade. In: GOULART, I. B. (org.). **Temas de Psicologia e Administração**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 321-341.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua**. Brasil, 2008.

BULLA, L. C.; MENDES, J. M. R.; PRATES, J. C. **As múltiplas formas de exclusão social**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BURSZTYN, M. **No meio da rua – nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CASTEL, R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”. **CADERNO CRH**, n. 26/27, p. 19-40, 1997.

SCOREL, S. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

SCOREL, S. Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. IN: BURSZTYN, M. **No meio da rua – nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 139-171.

GHIRARDI, M. I. G, LOPES, S. R., BARROS, D. D., GALVANI, D. Vida na rua e Cooperativismo: transitando pela produção de valores. **Interface comunicação saúde educação**, v. 9, n. 18, p. 601-610, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HELOANI, J. R. Novas Formas de trabalho na contemporaneidade. In: BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. **Dicionário de Psicologia do Trabalho e das Organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015, p. 473-482.

HENRIQUE, R. A., SANTOS, C. M., VIANNA, J. J. B. Sentidos e significados do trabalho entre pessoas em situação de rua. **Psicologia para América Latina**, n. 24, p. 109-120, 2013.

OURIQUES, C. Q. **Do menino ao jovem adulto de rua portador de hiv/aids: um estudo acerca de sua condição e modo de vida**. 2005, 225f. Dissertação (Mestre em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2008

MATTOS, R. M., HELOANI, R., FERREIRA, R. F. O trabalhador em situação de rua: algumas ações coletivas atuais. **Mental**, v. 6, n. 10, p. 103-122, 2008.

PAUGAM, S. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais – uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In: SAWAIA, B. **As artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, Editora Vozes, 2014, p. 69-87.

PEREIRA, C. P. **Rua sem saída: um estudo sobre a relação entre o Estado e a população de rua de Brasília**. 2005, 104f. Dissertação (Mestre em Política Social) - Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade de Brasília, Brasília: 2008.

ROSA, C. M. M. **Vidas de rua**. São Paulo: Hucitec, 2005.

SARMENTO, R. S. M. **A assistência social à população em situação de rua: um estudo na cidade de Florianópolis/SC**. 2015, 276f. Tese (Doutora em Sociologia Política) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2015.

SCHWEITZER, L. **Os sentidos do trabalho para trabalhadores informais em situação de rua**. 2017, 231f. Dissertação (Mestre em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2017.

SILVA, M. L. L. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

SIMÕES, J. J. G. **Moradores de Rua**. São Paulo: Kja, 1992.

SNOW, D., ANDERSON, L. **Desafortunados**: Um estudo sobre o povo da rua. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOUZA, E. S.; SILVA, S. R. V.; CARICARI, A. M. Rede social e promoção da saúde dos "descartáveis urbanos". **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 41, n. esp, p. 810-4, 2007.

SPINK, M. J., LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2004, p. 93-122.

SPINK, M. J., MENEGON, V.M. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, M. J. **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2004, p. 63-92 .

## **Agradecimentos**

Agradecimentos especiais à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio e financiamento destinado a esta pesquisa.